



O CARAPUCERO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli.
Parcere personis, dicere de virtutis.*

Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei n'esta Folha as regras boas,
Que he des vicios fallar, não das pesscas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA DE J. N. DE MEILLO.

O ABSOLUTISTA, E O DEMAGOGO:

Que a natureza humana he limitada, e finita nad há mister demontar; porque he taõ certa esta propoziçâo, como que a morte he partilha inevitável de todos os animaes. As nossas idéas pois, nossos sentimentos, nossas paixões, e acções tem hum termo perfeito, além do qual nad nos he dado passar; e d'aqui a razão, e justeza do sabio principio de Aristoteles, *que a virtude em todas as cousas está na mediania: in medio consistit virtus, si extrema sunt virtuosa.* O que gasta de mais chama-se prodigo, ou perdulario, o que nem o necessário gasta chama-se avarento, sovina, taeao, forragaitas, etc.: onde está a virtude a este respeito? No meio, que he; ser econo-

mico: até a Religião, primeiro dos deveres do homem, e manancial fecundo de toda a sua felicidade, se declina para hum extremo, conduz á impiedade, se para outro extremo degenera em fanatismo: e he de advertir, que os excessos oppostos produzem quasi sempre idênticos effeiitos. O prodigo, por ex., torna-se taõ prejudicial a o Estado, como o avarento, e o fanatico não damnifica menos a sociedade, do que o impio, ou irreligioso:

A Historia, e a quotidiana experiençâa nos ensinam, que assim como há fanaticos de Religião, tambem os há dos systemas politicos, e quer n'hum, quer n'outro caso sempre dirigidos por hum egoismo incomportavel. O absolutista he idolatra do poder do Príncipe, o demagogó do

poder do Povo, ambos lizonjeiros, ambos aduladores, ambos interesseiros de cabedaelas, distincções, ou mando. O absolutista, naõ achando sobre a terra argumentos, que sustentem o seu desvario, vai inquietar o Ceo; recorre aos Livros Santos, normas da consciencia, e naõ da Politica, ajója o throno com o Altar, e vê na auctoridade dos Reis naõ huma constituição social, mas huma imediata emanacão da Divindade, delirio, que naõ pôde ter cabida, se naõ no espirito dos velhacos, ou em cerebros, que padecem alguma lezaõ organica. O demagogo, derivando a soberania da simples existencia, coloca o poder indistinctamente na massa do Povo, quer, que todo, e qualquer individuo goze dos direitos politicos só pelo simples facto de ser homem, de maneira que em seu extravagante sistema são fraccões da soberania assim os sabios, como os ignorantes, tanto o trabalhador, como o vadio, o rico, e o mendigo, o homem honrado, e o ladrão, o assi-zado, e o louco, etc. etc. Depois imagina hum paradoxo, denominado *vontade geral*, e della deriva o justo, e o injusto; e chama lei, naõ o que he conforme a os principios eternos da natureza do homem; porém sim a expressão dessa intitulada vontade geral, de maneira que quando o Povo Romano invadia, e roubava Nações inteiras, que lhe ficavam mui distantes, e o naõ haviaõ offendido; a invasão, e o roubo tornavaõ-se acções justas; porque eram da vontade geral desse Povo ambicioso!

O absolutista endeoza o Principe; porque tem a mira em ser huma especie de sacerdote desse idolo; o de-

magogo endeoza o Povo, sanctifica todas as suas acções, dá-lhe hum poder ilimitado, e discrecional; porque espera ser hum dos escolhidos para a governança, e locupletar-se grandemente á custa do mesmo Povo, e a titulo de extremado patriota. O absolutista espreita os caprichos do Monarca para amoldar-se a elles, e tudo lhe louva, e aplaude; o demagogo consulta a paixão dominante do Povo para a lizonjear, e servir. O absolutista em tudo vê sediciosos, perturbadores, revolucionarios; o demagogo chama serviz, escravos, e infames a quantos naõ concorrem para a sua elevação popular; finalmente o absolutista busca o seu interesse, ou gosto particular á sombra do poder do Principe; o demagogo procura grangear o seu á sombra do poder do Povo. Ambos caminhaõ a o mesmo fim por diferentes meios, ambos são cobiçosos, ambos verdadeiros inimigos da sociedade.

E com effeito que diferença real há entre o perverso Sejano, privado de Tiberio, e hum faccionarioso Catilina? Ambos servirão aos seus idólos; o primeiro a o feroz Monarca, o segundo a o Povo desenfreado: ambos encherão de sustos, de prantos, e mortes a consternada Roma. Se o sanguinario absolutista, e manhoso monstro Duque d'Alba se gloriava de ter votado á morte tantos milhares de brioso Batavos; o demagogo, e infernal Robespierre folgava de tomar café na occasião, em que centenares de victimas caminhavam á fatal guilhotina por sua sentença, influencia, ou mando. Se he ainda hoje de testada a memoria dos absolutistas Perenio (valido do Imperador Com-

modo) Planciano (creatura de Severo) Jacob de Appiano (privado de Gambacorti Príncipe de Pisa), e o celebre Godois (Príncipe da Paz); não he, nem será menos execrada a sanguinolenta memoria de hum Marat, de hum Danton, de hum Couthou, Saint Juste, Billaud de Varennes, Burnave, Barrere, e outros muitos demagogos da Revolução Franceza.

Desta exageração de principios tem nascido em huns o cégo aferro á Monarquia, em outros a o sistema Republicano, de sorte que os primeiros não querem ver vantagens, se não no Governo de hum Príncipe; os segundos só encontrão liberdade, onde existe Republica. Que cegueira, que demencia! Quem não conhece, que a França, por ex., he hoje muito mais prospéra, do que foi a Republica Romana? Quem negará por outra parte, que os Americanos do Norte são incomparavelmente mais felizes, do que a pobre Hespanha sob o Reinado do fradezco, e perfido Fernando 7.º? As formas de Governos são cousas secundárias: a principal he a merigeração, e industria dos Poyos. Eu muito aprecio sem duvida as formas livres; porém prefiro sempre essas duas condições.

Por mais que se caucem os absolutistas, e demagogos por descobrir a origem da soberania, ou poder supremo; a verdade he, que de facto em todo, e qualquer paiz o poder supremo anda nas mãos dos mais espertos, e sabidos, e isto, assim em Constantinopla, como na America Inglesa: ali o poder supremo rezide verdadeiramente nos aulicos, que blo-

queão o despota, aqui está em huma pequena porção de homens mais sagazes, mais emprehendedores, e felizes; com esta diferença porém, que pelos principios da educação geral os espertalhões da Turquia são huns velhacos muito impostores, e egoistas, e os espertalhões Americanos; por isso que tem costumes infinitamente melhores, são mais bem intencionados, e trabalhaõ para si, e para o bem publico. Estes em ultima analyse he, que são os soberanos de facto, ainda que de direito se escreva a ca la passo, que a soberania rezide no Povo; e os demagogos incluão neste numero a todo o animal, que anda em dous pés, e tem o dom da palavra: mas a final de contas os taes criaturas, servos, e idolatras do Povo soberano vaõ-lhe fazendo taes excepções, que por ultimo o poder supremo só rezide real, e perfeitamente em menos da vigesima parte de qualquer Povo.

Todavia bem longe estou de reprovar este fenomeno; porque se poder he synonimo de força regular; como se compadece com os principis da boa ordem, e prosperidade social, que esta força esteja repartida igualmente per hum sabio, e hum tolo, por hum proprietario, comerciante, agricultor, artista, etc. e hum calaceiro, hum salteador, hum réo de policia, etc. etc. Todo o homem, só por que o he, deve sem duvida gozar de todos os direitos civiz: mas des direitos políticos, que são os que propriamente constituem a soberania, só devem gozar o proprietario, o empregado publico, o agricultor, o negociante, o alfaiate, o capateiro, o pedreiro, e quan-

tos em fin subsistem do seu trabalho, ou industria. Na colecção destes todos he, que em meu humilde entender rezide a soberania de direito; porque estes he, que tem interesse na harmonia, e prosperidade nacional: estes sao' por outro nome os cidadãos activos; os mais dividem-se em passivos, e meros locatarios.

Estes principios não sao certamente bebedos na fonte lodoso, e impura do Contracto Social de J. J. Rousseau, e dos furiosos energumenos da Revolução Franceza; sao' principios extrahidos de Aristoteles, de Ciceron, de Benjamin Constant, de hum Bentham, de hum Conte, de hum Royé-Colard, de hum Guizot, de hum Pagès, de hum Torombert, e outros sabios, escarmentados por huma triste, e funestissima experiençia. Devo finalmente confessar com toda a franqueza, que sei prezar em muito o Governo Republicano; pois muito estupido cabe, que seja quem se não desvive pela prosperidade dos Anglo-Americanos; e até inclino-me a crer, que a Republica será o paradeiro inevitável do nosso Brazil. Ainda mais entendo (e creio, que ja o publiquei) que nos cumpre aplanar o caminho para esse infallivel resultado; e tal me parece ser o regimen Federativo, de que tanto havemos mister: mas o que não sei aprovar he, que se queira já o Regimen Republicano, para o qual o Brazil não está preparado, attentas todas as suas circunstancias. A Re-

publica virá sim á seu tempo, quando formos mais instruidos, mais morigerados, mais industrioso: quando deixarmos de mercadejar am carne humana, e de tirar quazi toda a nossa subsistencia de braços escravos.

As revoluções Nacionaes, são como as fízicas: não he o homem, que as faz; he a natureza das cousas. Certa quantidade de vapores, elevados sobre a atmosfera, certa massa de matéria electrica produzem os trovões, que depurão o ar, abalaõ a terra, etc.: assim certo grau de ilustração, e de cultura, certos habitos, certas precizdes, que pouco, e pouco vão calando no animo dos Povos, trazem por si mesmas as Revoluções, que mudaõ ás vezes inteiramente a face dos Imperios. Promover pois mudanças prematuras, ou he de hum louco ambicioso, ou se há boas intenções, falta a devida prudencia; e neste caso o remedio longe de curar, só serve de exacerbar os males. Não desconheço, quanto estas minhas doutrinas devem de amargar a certos espíritos vertiginosos, e turbulentos, que entendem, podem fazer-se revoluções, como se fazem *fandangos*: mas não importa: basta-me a approvação dos cordatos, e o testemunho da minha consciencia, que me não argue de espalhar principios, que possaõ perturbar a doce paz, e prosperidade da minha Patria, á qual dezojo a ventura compativel com os seus habitos, luzes, e costumes.



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO,

*In nos errare modum et stri novere libellum
et personis, aceris, virtutis.*
Marcio 10. Epist. 33.

Guardarei n'esta Folha as regras boas,
Que be dos vicios fallar, não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA DE J. N. DE MELLO.

O ABSOLUTISTA, E O DEMAGOGO.

Que a natureza humana he limitada, e finita não é mister demais, porque é tão certa esta proposição, como que a morte he partilha inevitável de todos os animaes. As nossas idéas pois, nossos sentimentos, nossas paixões, e ações terão termo perfeito, além do qual não se pode passar; e d'aqui a razão, e justezas d'um sabio princípio: *est facetas, que a virtude em todas as coisas está na medida: non est i.e. virtus, si extrema.*

O que gasta de mais é o prodigo, ou perdulário, o que o necessário gasta, embaixa-se ao sofrimento, e fragor, este responde

mico: até a Religião, primeiro á deveres do homem, e secundo de toda a sua felicidade, se declina para hum extremo, e conduz á impiedade, se para outro extremo degenera em fanatismo: e he de advertir, que os excessos opostos produzem quasi sempre identicos effeitos. O prodigo, por ex., torna-se tão prejudicial a o Estado, como o avariento, e o fanático não diminui menos a sociedade, do que o impio, ou irreligioso.

A História, e a quotidiana experiência nos ensinam, que assim como os fanáticos de Religião, também os dos sistemas para compor a felicidade humana, quer n'outro caso, quer n'outro, e de rigores por hum egoismo incomparável. O libertista he ido, e deod er do Principe, o demagogo

de óvo ambos lisonjeiros, ambos ao lores ambos interesseiros de c laes, distinções, ou mando. O absolutista, não achando sobre a terra argumentos, que sustentein seu desvario, vni inquietar o Cœo; recorre aos Livros Sanctos, normas da cnsencia, e não da Politica, ajoja o throno com o Altar, e se na auctoridade dos Reis não huma instituição social, mas huma imediata emanacão da Divindade, delia. que não pote sabida, se não no espírito dos velhacos, ou em cebros, que padecem alguma lezaõ organica. O demagogo, derivando a soberania da simples existencia, coloca o poder indistinctamente na massa do Povo, quer, que todo, e qualquer individuo goze dos direitos politicos só pelo simples facto de ser homem, de maneira que em seu extravagante systema sao fracções da soberania assim os sabios, como os ign. ato o trabalhador, co mo o vadio, o rico, e o mendigo, o homen honrado, e o ladrão, o assaltado, e o leito, etc. etc. Depois imagina hum paradoxo, denominando *virtute geral*, e della deriva o justo, e o injusto; e chama lei, não o que he conforme a os principios eternos da natureza do homem; porém sim a expressão dessa intitulada vontade geral, de maneira que quando o Povo Romano invadia, e roubava Nações inteiras, que lhe ficavão m. distantes, e o não haviaão offendido a irgend, e o roubo tornavaõ-se ações justas; porque eram d'el. ante le general Povo endebeloso!

O absolutista endeaça o Príncipe, nro. e tem a missa em huma es- cia de sacerdote desse Pôlo; e de

magogo endeaça o Povo, se- todas as suas ações, dá-lhe hum po- der ilimitado, e discrecional; por que espera ser hum dos seus filhos para a governança, e locupletar-se grandemente á custa do mesmo Povo e a titulo de extremado patriota. O absolutista espreita os caprichos do Povo para amoldar-se a elles, e tudo lhe louva, e aplaude; o demagogo consulta a paixão dominante do Povo para a lisonjar, e servir. O absolutista em tudo vê sedici os, pertur deles, revolucionarios; o demagogo chama servos escravos, e insimes a quantos não concordem para a sua elevação popular; finalmente o absolutista busca o seu interesse, ou gosto particular á sombra do poder do Príncipe o demagogo procura grangear o seu á sombra do poder do Povo. Ambos caminham a o mes- mo, mas por diferentes meios. Ambos são cobiços s, at... adeiros inimigos da sociedade.

E com effeito que diferença real há entre o perverso Sejano, privado de Tiberio e hum f. c. c. nro. Cati- lina? Ambos serviram aos seus ido- los; o priuenra o f. a. Monarca, o segundo o Povo desenfreado; am- bos encherão de sustos, de prantos, e mortes a consternada Roma. E sanguinario absolutista, e me- monstro Duque Alba se glorava de ter votado á morte tanto mil- i- brioso P. & V. o demag. inferni Robespierre f. g. mar- calé na occasião. nares de vicimas camin- guilhôes por sua crença, cia, ouvindo inda be- testada. abs. Peren

n.º 2º anciano (creatura de Severo) e de Appiano (privado de Gambacorti Príncipe de Pisa), e o celebre Godoïs (Príncipe da Paz); mas he, nem será menos execrada a continoleta memoria de hum Marat, de hum Canton, de hum Connon, Saint Juste, Billaud de Varennes, Barnave, Barrere, e outros mestres demagogos da Revolução Franceza.

Desta exageração de principios tem nascido em hums cégo aferro à Monarquia, e em outros o sistema Republicano. De sorte que os primeiros querem ver vantagens se não no Governo de hum Príncipe; os segundos só encontrão liberdade, onde existe Republica. Que alegaria que deve aí! Quem não conhece que a Espanha, por ex., hoje muito mais prospera, do que a Republica Romana? Quem nenhagá, em parte, que os Americanos do Norte são incomparavelmente mais felizes, do que a pobre Espanha, sob o Reinado do fratello, e perido Fernando 7.º? As formas de Governos são cegas secundarias a principios de Monarquia, e industrialia dos Povos. E é muito agradável seu duvida as forças Livres; e aí prefiro sempre essas duas.

Permitas que se canem os absolutistas, e os que por descobrir a da soberania seu poder na verdade, que de facto sunt vitios e prejudicar paiz e poder ultimamente a das nações dos mais esplêndidos, e salubres, e isto, assim em Constantinopla, no na Ásia e na Europa.

queado o despota, aqui está em huma pequena porção de humas naus sagradas, mais emprehendedoras, e felizes; com esta diferença porém, que pelos principios da educação geral os espirituais da Turquia são hums velhos muito impostores, e egoistas, e os espirituais Americanos, por isso que tem costumes infinitamente melhores, são mais bem intencionados, e trabalho para si, e para o bem publico. Estes em ultima analyse, que são os cidadãos de facto, ainda que o rei se escreva na calha passo, que a soberania rezide no Povo; e os demagogos incluam neste numero a todo o animal, que anda em dous pés, e tem o dom da palavra: mas a final de contas os tais criaturas, servos, e idolatras do Povo soberano, que fazem tais excepções, que por ultimo o poder premio só rezide real, e perfeitamente em menos da vigesima parte de qualquer Povo.

Todavia bem lhe estou de reprevar este fenomeno; porque o poder he synonimo de força regular; como se compadece com os principios da boa ordem, e prosperidade social, que esta força esteja repartida igualmente por hum sabio, e hum tolo, por hum proprietário, comerciante, agricultor, artista, etc.; e hum calaceiro, hum salteador, hum réis de polícia, etc. etc. Todo o homem, só por que o he, deve em doida gozar de todos os direitos civis; mas dos direitos politicos, que são os que propriamente constituem a soberania, só devem gozar o proprietário, o emprevedor publico, o agricultor, o mercenário, o artista, o capataço, o pedreiro, e quais-

tos em fim subsistem do seu trabalho, ou é justa. Na colecção destes todos (he), que em meu humilde entender rezaide a soberania de direito; porque estes he, que tem interesse na harmonia, e prosperidade nacional: estes sao' por outro nome os cidadãos activos; os mais dividem-se em passivos, e meros locatários.

Estes principios não sao certamente bebedos na fonte ledosa, e impura do Contracto Social de J. J. Rousseau, e dos fúnebres energumeaos da evolução Fr. Leão; sao' principios extraídos de Aristoteles, de Ciceron, de Benjamin Constant, de hum Bentham, de hum Conte, de hum Royé-Colard, de hum Guizot, de hum Pagès, de hum Torombert, e outros sabios, escarmentados por hum triste, e funestissima experien-
cia. Devo finalmente confessar com toda a franqueza, que sei pre-
em muito o Governo Republica-
no; mais muito estupido cabe
que seja quando se não desvive pe-
la prosperidade dos Anglo-Americanos; e até inclino-me a crer,
que a República será o paradei-
ro inevitável do nosso Brazil. Ainda mais entendo (e creio,
que ja o publiquei) que nos cum-
pre aplanar o caminho para esse
infallivel resultado; e tal me pa-
rece ser o regimen federativo,
de que tanto havemos mister:
mas o que não sei aprovar he
que se queira já o Regimen P.
pública, para o qual o Brazil
não está preparado, attentas to-
das as suas circunstancias. A Be-

publica virá sim à sete, quando formos mais intelectuados, mais morigerados, mais industrioso; quando deixarmos de mercadejar am carne humana, e de tirar quazi toda a nessa sub-
tencia de braços e ramos.

As revoluções Nacionaes, são como as fízicas: não he o homem, que as faz; he a natureza das co-
isas. Certa quantidade de vapor es-
elevados solve a atmosfera, certa
massa de materia trazida pro-
duze os trovões, e separa o
ar, abalaõ a terra, assim
certo grau de ilustração, e de
cultura, certos hábitos, certas
precizões, que pouco, e por co-
vão calando o animo dos Povos,
trazem por si mesmas ás Revolu-
ções, que mudão ás vezes inteira-
mente a face dos Imperios. Pro-
mover pois mudanças prematuras,
ou he de hum homem ambicioso,
ou se há boas intenções, falta a
devida prudencia; e neste caso o
remedio longe de curar, só serve de
exacerbar o mal. Não desconhe-
ço, quanto estas minhas doutrinas
deverão amargar a certos espíritos
vertiginosos, e turbulentos, que en-
tendem, podem fazer-se revoltos,
como se fazem *fundangos*: ora não
importa: basta a approvaçao do
cordatos e o testemunho da
consciencia, que me não regue
espalhar principios, que possão
turbar a do povo, e prosperidade da
minha Patria, á qual desejo a ven-
tura com que com os seus brios, lutas,